

B  
229  
N

*por Juiz*

# JORNAL

DA SOCIEDADE

# PHILOMATICA

52.1  
BIBLIOTHECA NACIONAL

52-2.429

Serie I. Abril de 1859. N. 1.

## COMISSÃO DE REDACÇÃO

Francisco de Sequeira Dias,  
Manoel Ignacio Barbosa Lage,  
Antonio Justiniano das Chagas,  
Honorio Mesalho,  
Eugenio Adriano Pereira da Cunha e Netto,  
Francisco Basilio Duque.



RIO DE JANEIRO

TIPOGRAPHIA FRANCEZA DE FREDERICO ARVEDSON, LARGO DA CARIÓCA 11

1859

# JORNAL

## DA SOCIEDADE PHILOMATICA

SERIE I.

ABRIL 1859

N. 1.



52-2.479

### PRIMEIRA FOLHA.

Eis-ahi, pois, a definição de meu trabalho. Julgai-o por essa maneira, — e sêde rigorosos, sim, — porém justos.

JUNQUEIRA FREIRE.—(*Inspirações do claustro.*)

Quando quebramos os élos, que prendem as nossas idéas ás profundidades de nossas almas, ellas são recebidas pela intelligencia de cada um, ou por meio de nossas palavras, ou pelo invento de Guttenberg. As primeiras ás mais das vezes acolhidas em um pequeno auditorio, perdem-se com o correr do tempo; — as ultimas, gravadas de uma maneira indelevel, recebendo uma fórma palpavel, atravessão os seculos, conservando sempre a intenção de seu primeiro autor.

D'ahi, nasce a necessidade de um jornal para a SOCIEDADE PHILOMATICA.

Ainda mais:—Sendo ella uma sociedade scientifica, e, como bem demonstra o seu titulo,—desejosa de instruir-se, necessitava de um jornal, para o cultivo do espirito de cada um dos socios. E qual o meio mais natural a empregar-se?

— Creando-se um jornal, em que a grande somma dos trabalhos scientificos e litterarios de cada um dos socios, servisse de pasto ás intelligencias de todos.

O desejo de instruir-nos, de conservar as lições, que fossemos recebendo; eis os motivos que derão existencia a este jornal.

Filho de uma associação ainda principiante,—é natural, que appareção alguns defeitos em suas columnas; — relevem-nos os leitores: — a culpa não é nossa.

Mas, talvez ao atravessar as turbas, receba de alguns um riso de mofa: para esses voltamos as costas, cumpriamos um dever—estavamos desculpados; para os outros, para esses, que nos derem um riso de animação, pedimos deferencia e desculpas de não podermos offerecer-lhes cousa melhor.

— Agora algumas palavras sobre a Sociedade Philomatica.

Fundada em Junho de 1858 por alguns socios desejosos do cultivo das letras, conta hoje em seu gremio não pequeno numero de socios effectivos e honorarios, que, como os primeiros, esforço-se pelo progresso e prosperidade da mesma sociedade.

Hoje, depois de 10 mezes de trabalho, é que apresenta o seu—primeiro jornal; — assim devia ser: principiantes, preferimos perder em tempo, para ganhar em forças.

Suas sessões têm sido, senão regulares, ao menos animadas; seus estatutos observados cuidadosamente.

Seus socios todos jovens, em cujas veias borbulha o sangue aquecido pelo sol dos tropicos, promettem um futuro brilhante, se desempenharem o compromisso que contrahirão—acceitando o titulo de socios effectivos.

— Eis o frontispicio de nossa modesta associação, primeira pedra de seu alicerce fraco, como nós, não se unirá ás d'esses templos de architec-

tura gothica, cobertos de mil relevos, que vão perder-se nas nuvens, com suas cruzeiras douradas, servindo de pouso ás altaneiras aguias.

Agora avaliem-nos.

*Fecimus quod possumus, faciant meliora potentes.*

Março de 1859.

**Qual das descobertas maior influencia produzio na civilisação, a bussola, a imprensa, o vapor ou a polvora?**

*Esto brevis et placet.* — Será o guia nas poucas considerações que temos a fazer a respeito da questão que pretendemos tratar.

Seria temeridade da parte d'aquelle que escrevesse sobre tal assumpto, negar a grande influencia que sobre a civilisação tem exercido e exerce qualquer d'estas descobertas: n'isto estamos todos accordes; mas o que se quer saber é comparadas umas ás outras, apreciadas as causas que as determinarão e os effeitos que têm produzido, qual d'ellas merece a primazia.

Faremos: 1.º, a historia de cada uma das descobertas;—2.º, sua influencia sobre a civilisação, e finalmente compararemos esta influencia, e seremos felizes se podermos demonstrar com vantagem as razões que nos assentem para conceder á bussola a primazia entre as outras.

*Bussola.* — Os Chins a conhecêrão 2600 annos antes de Christo; no XIII seculo tornou-se conhecida na Europa; em 1260 appareceu em França e Veneza, Flavio Gosa aperfeioou-a em 1302, porém as variações da declinação só forão observadas em 1500.

*Imprensa.* — Foi tambem na China que primeiro a conhecêrão 939 antes de Christo, na Europa em 1440, em Strasburgo e Mogancia. Os primeiros livros são de 1457. Faust e Guttenberg porêm aperfeioarão a tal ponto que podem ser considerados seus inventores.

*Vapor.* — O conhecimento da força expansiva data de longos annos. No

tempo de Carlos V um barco a vapor faz a viagem de Barcelona a Mahon, segundo refere Navarrete.

Em 1615 já se fallava em empregar o vapor como força motriz o engenheiro francez Salomon de Causs. Lemarc melhora a caldeira de Papin no seculo XII. Neircommem, Ferrouin e Cowley levão a effeito as idéas de Savery, isto no seculo XVIII, em 1764 Mat aperfeioa todos os trabalhos. Em 1807 Fulton construiu o primeiro barco de vapor e em 1815 na Inglaterra faz-se o primeiro ensaio de carros a vapor.

*Polvora.* — Alguns querem que fosse descoberta entre os Chins em 1232, porém, estes dizem que foi 17 seculos antes. Na Europa não se sabe quem primeiro a empregou nem em que tempo; uns querem que fosse Roger Bacon 1278, e outros um frade de Friburgo, Bertholdo Schwartz; o que é certo porém é que foi pela primeira vez empregada em guerra na Europa em 1338. (*Hist. Univers. de Bredou.*)

Por esta resumida historia vê-se, que a bussola é a mais antiga de todas essas descobertas, e já por esse lado se reconhece, que os homens, tendo necessidade de procurar alguma cousa, que os fizesse saber do estado de atraso em que se achavão, mesmo porque apezar das communições terrestres que entre alguns paizes havia a civilisação era estacionaria, acharão na bussola esse meio poderoso de que tanto necessitavão: já pelo lado de antiguidade esta descoberta leva vantagem sobre as ou-

tras; não faremos porém d'isso questão e entraremos em factos de outra ordem.

Em seculos muito remotos a navegação era limitadissima; os Phenicios, povo commerciante, não sabião das costas e vê-se bem de que natureza e alcance seria um tal commercio: era preciso para que se podessem separar das costas, entranhar-se pelo alto mar, navegar dia e noite, affrontar tempestades, chuvas e nevócios, que algum meio apparecesse, capaz de destruir todos estes inconvenientes e tropeços.

Sabe-se que as estrellas erão os guias dos navegantes, mas no momento em que as nuvens apparecião, diz um escriptor, navegava-se ao acaso.

A navegação é incontestavelmente o maior auxiliar do commercio, e quem pôde contestar os beneficios sem conta, que o commercio tem feito á civilisação e á humanidade? Relações entre homens de climas e paizes inteiramente diversos, desenvolvimento espantoso da actividade humana, relações mutuas e contacto dos habitantes dos paizes os mais afastados, o florescimento das artes, o apparecimento de fabricas, o incremento de todas as industrias, a multiplicidade de empresas de todo o genero, o aproveitamento de todos os objectos, desde os de mais subido valor até os de menos, a incessante indagação do espirito humano, o afan, o trabalho e o entusiasmo por novas descobertas, taes são os resultados da navegação e do commercio.

Ainda por outro lado, que importantes serviços não tem recebido a civilisação d'essa mesma navegação—o limite meridional da Africa foi patenteado aos homens—o intrepido e constante Genovez mostra-nos um novo mundo, descobertas importantes se succedem umas ás outras.

E agora qual o meio, qual o guia, qual o pharol brilhante, que illuminava todos os passos, que se dão para essa navegação? A *bussola*, essa importante descoberta, que tão simples foi capaz de alterar a face do globo! A *bussola*, que indicou como se podião cortar os inconvenientes, que apontamos, a *bussola*, que levou o homem a fazer as descobertas de que fallamos acima!

E poderá alguém á vista do que acabamos de expôr, negar, que a *bussola* foi e é o mais poderoso auxiliar para o desenvolvimento da civilisação e progressos da humanidade?

Passemos agora á imprensa.

Longe de nós desconhecermos a extraordinaria influencia d'essa brilhante descoberta, á ignorancia succede o conhecimento de um sem numero de factos, que a imprensa patentêa; por meio d'ella os povos conhecem-se e aprecião-se mutuamente, essa communhão traz a faculdade na discriminação do bem e do mal, é um incentivo poderoso para que o espirito caminhe sempre na indagação do que lhe é util e necessario, a humanidade torna-se uma familia; isto em relação a todos os povos: em relação a cada povo quem pôde desconhecer sua influencia? Ella é um poderoso auxiliar para a felicidade de cada nação, n'ella se fixão certos e determinados principios, por ella se mantem, vista a assimação que presta, certas condições indispensaveis, sem as quaes uma nação deixaria de ser-o. O jornalismo, como bem disse um dos nossos escriptores, não é um luxo, é uma necessidade: não é um homem, é um principio: isto é uma verdade incontestavel, e quem he capaz de negar a influencia do jornalismo, quando conveniente e dignamente dirigido sobre os povos?

A' imprensa, pois, muito deve a civilisação e a humanidade; é ella uma das mais fortes columnas sobre que

se apoia o progresso do espirito humano.

Tratemos da vapor.

Tornemos bem patentes os effeitos da navegação, demonstremos os beneficios e vantagens, que se têm colhido e colhem do commercio, e já se deduz, que influencia immensa não deve conceder aquella descoberta que proclamou á humanidade:—acabáráo-se as distancias, o mundo é uma sociedade.—O vapor, accelerando as communicações, reduzindo as distancias a instantes, levando por toda a parte o conhecimento dos factos, que interessão á humanidade, é incontestavelmente uma poderosa descoberta.

Bem pequeno é ainda o tempo decorrido depois de seu aperfeiçoamento, e no entanto quantas vantagens e beneficios não tem elle trazido mesmo n'esse curto espaço de tempo?

Resta-nos a polvora.

Quando a nobreza era tudo — quando o feudalismo com seus guantes de ferro tudo aniquilava e não havião barreiras, que o contivessem em seus desatinos, a descoberta da polvora mostrou, que a igualdade era uma condição social, e quem não reconhece o grande passo, que n'isto se deu para a civilisação? A carnificina, a horrivel barbaridade, que se davão nas guerras antigas desapareceu, e as guerras de hoje têm incontestavelmente um character mais compativel com os sentimentos da humanidade; além d'isso quantas vezes não tem ella servido para manter e sustentar o direito do fraco contra o forte? e não serão taes resultados, uma demonstração concludente da influencia de tal descoberta sobre a civilisação? Sem duvida.

*Abusos.* A influencia benefica foi a nossa unica demonstração; dos abu-

sos, que se tem feito d'estas descobertas não nos cumpre tratar; Deos, concedendo ao homem o livre arbitrio, consequentemente deixou-o sujeito aos abusos e interpretações erroneas; e se quizessemos tratar ainda por esse lado diriamos, que não é em relação á descoberta, cuja primazia sustentamos, que em maior numero tem elles apparecido; ainda por esse lado somos felizes.

*Recapitulação.* As artes, as sciencias, as letras, tudo enfim quanto a humanidade pôde querer para seu engrandecimento e prosperidade, são poderosamente auxiliadas pela navegação, e pelo commercio; n'esse auxilio tem tambem uma parte importantissima o vapor e a imprensa, não desconhecendo que a polvora concorre tambem ao mesmo fim. Agora perguntaremos sem a bussola, e por consequente sem a navegação, a influencia das outras descobertas teria o grão de elevação que se lhes quer dar? Sem a bussola, o mundo seria como é hoje conhecido e apreciado? Sem a bussola, e por consequencia sem a navegação, as nações estarião hoje no ponto de engrandecimento em que se achão? A Inglaterra, a França, os Estados-Unidos, o nosso abençoado Brasil mesmo apresentaria o magnifico espectáculo de grandeza e prosperidade, que nos enche de admiração e assombro? Incontestavelmente não. E se, não deixai a qualquer povo a sua imprensa, o seu vapor e sua polvora, cortai-lhe a navegação, e vereis se os resultados obtidos serião os mesmos de que n'aquelles em que existir esta.

A' vista, pois, do que acabamos de expender, em nossa opinião d'entre as quatro descobertas, deve-se conceder á bussola a primazia.

### Da pena de morte.

Sendo a vida um presente que Deos fez ao homem, não podemos tira-la senão por sua ordem ou permissão. Ora, para reconhecemos esta ordem ou permissão seria necessario que uma revelação ou uma demonstração clara e indisputavel nos convencesse que as leis da natureza e da sociedade exigem o seu cumprimento. BLACSTONE.

SENHORES. — O que poderei dizer sobre um assumpto, que tem sido tratado não só pelos legisladores e philosophos antigos, como tambem pelos modernos? As opiniões pró e contra um ponto, do qual depende o bem estar da sociedade, fazem com que hoje venha occupar a vossa preciosa attenção.

Baldo de recursos intellectuaes, e encarregando-me do desempenho de uma tarefa tão ardua como esta, espero da vossa justiça e benevolencia, que relevar-me-heis alguns erros, que por ventura haja de commetter; pois que não são mais do que filhos do meu apoucado estudo, e da minha mesquinha intelligencia.

Se não fosse o dever sagrado do cumprimento da minha palavra, para com a sociedade, de apresentar um trabalho contrario ás idéas enunciadas na casa, pelo seu illustre membro, que me precedeu; de certo, que não ousaria arrogar-me um direito que só a outras intelligencias competia: qual o de julgar-me com forças sufficientes, para apresentar um trabalho contrario á admisión da pena de morte.

Passo a dar as razões pelas quaes não posso admittir essa pena cruel e irreparavel para a sociedade; chamando em meu auxilio as opiniões dos principaes autores sobre este assumpto: pois que mais não poderei fazer, do que admittir as idéas dos que são contra essa pena barbara, procurando refutar com os meus argumentos, posto que fracos, as dos que são de opinião contrária.

Beccaria, fallando a respeito da pena de morte, diz:

« Qual pôde ser o direito que os homens se arrogão de matar seus semelhantes? Não é por certo aquelle de que resultão a soberania e as leis; ellas não são senão a somma total das pequenas porções de liberdade que cada um tem deposto; representão a vontade geral resultado da união das vontades particulares. Mas quem quereria ceder a outrem o direito de lhe tirar a vida? Como supôr que no sacrificio que cada um fez da menor porção de liberdade que pôde alienar, haja comprehendido a do maior dos bens? E quando isto acontecesse, como este principio se daria com a maxima que defende o suicidio? Como o homem teria pôddo dar a um só ou á sociedade inteira um direito que elle proprio não tinha? »

A pena de morte não é pois apoiada sobre algum direito. Eu acabo de demonstral-o; não é senão uma guerra declarada a um cidadão pela nação, que julga necessaria ou ao menos util a destruição d'este cidadão.

Filangieri exprimiu-se d'este modo em referencia ás idéas enunciadas acima por Beccaria:

« Como ninguem tem o direito de dispôr de sua vida, ninguem tambem tem o direito de dispôr de sua honra e de sua liberdade; as penas infamantes, as penas que privão da liberdade pessoal são pois injustas. »

Responderei que são justas, e que se não pôde fazer paralelo entre a perda de vida e a perda de liberdade; porque no 1º caso se se vier ao conhecimento de sua injustiça, não se pôde

mais reparal-a, ao passo que no 2º posso fazel-o; isso é um sophisma, de que se servio Filangieri para chegar a seus fins, pois que quiz comparar a perda da liberdade com a perda da vida, o que é absurdo; porque no 1º caso, assim como posso tiral-a, posso tambem dal-a; ao passo que no 2º depois de tiral-a, só a Deos compete o restituir-lh'a.

Morellet diz :

« Os juizes os mais integros não serão sempre infalliveis quando pronunciarem a pena de morte, fundados na lei a mais clara e em provas que lh'es pareção excluir a possibilidade da innocencia.

« Elles poderão de alguma sorte confundir o innocente com o culpado e condemnal-o como tal. Se depois se vier ao conhecimento de sua innocencia, qual não será a sua dôr de ter commettido uma injustiça irreparavel? Poderão consolar-se de um erro tão funesto? Ora, o meio mais seguro de tornar essa pena reparavel é a sua inteira abolição. Os juizes, que tiverem condemnado um innocente, serão mui felizes de poder, não só justificar sua reputação, como tambem fazer cessar essas desgraças, dando a liberdade e a vida a um infeliz de que elles tinham privado injustamente. Consolar-se-hão de ter podido reconhecer a innocencia, apressando-se a quebrar suas cadeias, a reparar seus erros e a offuscal-os com suas lagrimas. D'onde se segue que a pena de morte é iniqua, pois que ella tira á innocencia, injustamente condemnada, toda a esperança de gozar de sua rehabilitação; e aos juizes que tiverão a desgraça de a condemnar, todo o meio de reparar esta falta terrivel.

Com a introduccão do cadafalso os costumes tem-se melhorado? Este ferro methodicamente levantado o que tem produzido? Cadaveres. Mas (dizem) tem feito nascer o temor; dizci antes um secreto horror que

abala a alma sem esclarecer a razão. E' o temor pelo sangue que deve conduzir os homens? E se este fio conductor se vier a quebrar, o que será de vós e de vossas proprias leis?

Joanna d'Arc elevou o entusiasmo dos Francezes, dirigio seu valor, conduzio-os á gloria de salvar seu paiz do jugo da Inglaterra; a heroína succumbe por um instante e cahe nas mãos do inimigo. Sacerdotes para torturar sua alma, carraseos para a condemnar, uma fogueira que a consumio, tal foi a justiça que se fez á nobre franceza. A indignação atravessou os seculos, a propria nação insular contestou o facto, para occultar o que n'elle ha de odioso.

Percorrei o universo, entrai em todas as suas nações; e vêde, á proporção que a civilisação se vai introduzindo em seus seios, essa pena digna dos povos barbaros vai sendo abolida. E se por ventura ella fosse util, as nações civilisadas desprezal-a-hião? De certo que não.

Os antigos egypcios condemnavão á morte por um simples homicidio; no entanto o pai, que matava seu filho, era condemnado a estar abraçado com elle tres dias e tres noites consecutivas, exposto em uma praça publica, cercado de guardas, sujeito á vindicta e ao escarneo publico. Ainda que estivessem no estado barbaro, julgavão que para o homem, que manchava suas mãos no sangue d'aquelle a quem tinha dado o ser, a pena de morte não era sufficiente, porque dizião, que a pena acima referida era tanto mais forte quanto os seus proprios carrascos, crão:—a natureza e o opprobrio.

Nada ha de mais degradante para a humanidade do que encarregar-se um homem do emprego de carrasco, e é inconcebivel que haja homens que consintão semelhante degradação em suas pessoas.

Diderot diz :

« O desprezo legitimamente fundado pelos executores da justiça, desprezo de que não se saberia garantir, desprezo geral de todas as nações e de todos os tempos; aversão para as funcções do juiz criminal, aversão que toda a razão não saberia vencer, funcções necessarias, e para as quaes uma alma pouco sensivel não comprehende que se possa achar alguém. »

Eis-ahi contradicções inexplicaveis. Em algumas jurisprudencias dá-se a vida ao criminoso, que executa seus camaradas. E' um meio mui seguro de fazer morrer os menos culpados, e de salvar o mais scelerato.

O barão de Bielfeld exprime-se assim :

« Muito rigor contra o culpado revolta a humanidade; e não está bem decidido pelos principios de direito natural a que ponto a vida do homem está no poder dos outros homens. »

E' porque a vida é o maior dos

bens, que cada um consentio que a sociedade tivesse o direito de tirar a vida a áquelles que tentassem contra a dos seus semelhantes.

Ninguem por certo quiz dar á sociedade o direito de lhe tirar a vida a todo o proposito; mas cada um occupado de conservar a sua (pois que dizião que não attentarião contra a dos outros), não virão senão a vantagem da pena de morte, para a segurança, defesa e vinganças publicas. E' facil ver que o homem que diz:— eu consinto que se me tiro a vida se attentar contra a dos outros, diz tambem consigo mesmo:—nunca attentarei, assim a lei será por mim e não será contra mim.

Quanto á justiça d'esta pena, ella é fundada sobre a convenção e utilidade communs. Se é necessaria é justa.

Resta provar se ella é necessaria.

(*Continua.*)

N. R. DOS S. FRANÇA E LEITE FILHO.

### **Escuta!**

(Folha solta.)

Eu era um pobre viajor perdido nas solidões longinquas de uma desesperança infinita!

Eu era uma folha, que o vento das campinas açoutára para o bulicio das côrtes; o peregrino arrimado ao bordão do infortunio, e que o mundo via passar desanimado, sem que sobre minha cabeça cahisse sómente um olhar de piedade!

E tu? Tu eras o lirio, que na margem do regato expandia seus perfumes á briza, que gemendo e suspirosa por ahi passava.

Tu eras uma sombra angelica e purissima, que á noite alvejava ao clarão da lua como a imagem de um anjo se equilibrando nas nuvens!

Eu era o silencio triste e desencantado, era o genio do infortunio arrasado pela tempestade do desalento!

E tu, eras a melodia aerea de uma harpa de poeta, perdida nas solidões e vibrada pelo genio das florestas!

E nós; tu, o anjo, o lirio, a sombra do poeta; eu, o viajor sem norte, o peregrino sem alento e sem esperanças; nós nos encontrámos um dia!

E o anjo amou em silencio a sombra sem vida, que passava desapercibida por entre a communhão dos vivos; e a sombra amou o anjo como o ciborio do templo de sua felicidade na terra!

E nós nos-amamos muito!

Eu te amava sem que uma esperança viesse se entrelaçar nos sonhos doura-

dos do meu amor ; cria-te muito bella para que tivesse a vaidade de merecer-te um olhar. Perdoa ! profundo como era esse sentimento, eu temia profanal-o seu dêsse a perceber a essas almas fartas dos prazeres fugitivos da vida !

Quem sabe ? Se eu, caladamente, não tivesse penado tanto ; se no impeto ardente das paixões te houvesse revelado minha alma, ao amanhecer do outro dia quizeras amar-me ainda ?

Mus... agora podes sabel-o, — amote! — Não te amo por essa belleza angelica e pura, que se desenha em teu

rosto como na tela do pintor as cores do céu !

A belleza, como a flôr, murcha lentamente aos ardores do sol ; muitas vezes ostentosa no seu hastil, à luz da madrugada seguinte d'ella só restam as emmurhecidas folhas !

Só a virtude, essa filha angelica do céu, só ella resiste e sobrevive ás tempestades da vida !

E tu és a cópia das virtudes, que se retratam no céu ; se pois o fanal que me guie na existencia, como a esperança do teu amor tem sido minha unica ventura na terra !

N. A. PEREIRA E SOUZA.

### A visão.

#### I

Quando de noite só e pensativo  
Banho meu rosto com amargos prantos,  
Ferindo os ares, na solidão de um ermo  
Com meus suspiros, meus doridos cantos ;  
E o mar gemendo beija a praia e foge  
Fazendo repetir a sua queixa,  
E a doce briza ciciando canta  
No meu ouvido minha triste endeiça :

Então avisto no formoso rosto  
Da branca lua que sorri p'ra terra  
A imagem viva da agonia lenta,  
Da dôr profunda que meu peito encerra,  
E como o echo que repete as vozes  
Que sahem tristes d'esta triste lyra,  
Assim a imagem que sorri-me terna  
Chora comigo e como eu suspira

Se tristes queixas de meu peito sahem  
Vão seus gemidos já ferir os ares,  
E seus soluços lamentáveis, mestos  
Perdem-se ao longe pelos largos mares ;  
E quando paro no tristonho canto  
Vejo seus lindos olhos lacrymosos,  
E a lyra geme ainda ultimo harpejo,  
Tristes fitos em mim — bem tristes vejo ! —

#### II

D'onde vens — anjo de amores,  
Porque suspiras assim ?  
Porque te banhão as faces  
Amargos prantos sem fim ?  
Quando suspiro — tu gemes ?  
Teras tu de pena de mim ?

Porque tão triste sorrís-me,  
Me fitas tão pezaroso,  
Dos olhos cahem-te perolas  
Como do lycio amoroso

Calem os prantos do orvalho !  
Que sentes — anjo formoso ? —

Aos meus ouvidos attentos  
Vem ferir os teus gemidos !  
Como tocão a minh'alma  
Teus soluços tão sentidos !  
São da rôla as debeis queixas  
Por seus filhinhos perdidos ?

D'onde vens — anjo de amores,  
Porque suspiras assim ?  
Porque te banhão as faces  
Amargos prantos — sem fim — ?  
Quando suspiro — tu gemes —  
Terás tu pena de mim ?

#### III

No rosto formoso da virgem da noite,  
Quem sabe se este anjo, que choro incessante,  
Cercado dos anjos — brilhantes de luz  
Olhar-me na terra me vem um instante ?

Phantastica sombra de triste lembrança  
Talvez dos sentidos só seja illusão !  
Quem geme ? quem chora ?.. a briza que passa,  
O echo que canta-me a triste canção

E o echo que repete os meus gemidos,  
A briza que se queixa e que suspira,  
O mar que beija a praia e que murmura,  
Ou o pranto que chora a minha lyra ?

Não, bem vejo a imagem que sorri-me,  
Vejo e bem lembro tel-a visto um dia ;  
Não é visão de meus sentidos fracos,  
Bem conheço o sorrir que elle sorria !

#### IV

De Maio as cheirosas flores,  
Embragando de odores,

Viçosas mostrão-se ao dia;  
De um grato sonho as visões  
Enlevão os corações  
Para um mundo de harmonia!

Murmura o fresco regato;  
O passarinho no mato  
Entoa alegre canção;  
Tudo é festa, galla e riso,  
E eu tenho n'hum paraíso  
O inferno no coração:

Mas quando triste carpindo  
Vejo a imagem me sorrindo  
Mais allivio sinto então;  
Nos olhos luz-lhe o prazer  
E sinto-me estremecer,  
Que é a imagem de meu irmão!

V

Não é o echo que repete o meu gemido,  
Nem a briza que chora e que suspira,

O mar que beija a praia e que murmura,  
Ou o pranto que chora a minha lyra.

Não! bem vejo a imagem que sorri-me,  
Não é illusão dos meus sentidos— Não!  
Eu bem sinto e conheço esse sorriso  
Tão doce e puro de meu caro irmão!

E' sua imagem que vem dar-me alegria,  
Nos momentos de dôr e de afflicção,  
Com um raio de luz vem dar-me a vida,  
C'um sorriso dos seus— Consolação?—

VI

Baixa, ó anjo, dos Céos, quero inda ver-te,  
Affaga com teu sopro puro e ameno  
O meu rosto de outr'ora prazenteiro;  
Passa nos ares e me roça os labios!  
E' o beijo que te del no extremo alento  
E que expirou contigo— o derradeiro!

J. J. C. MACKEN JUNIOR.

**Na rêde.**

(Brasíliana.)

Nas horas ardentes do pino do dia  
Aos bosques corri,  
E qual linda imagem dos castos amores,  
Dormindo e sonhando, cercada de flores,  
Nos bosques a vi!

Dormia deitada na rêde de pennas  
O céu por doce!  
Te leve embalada no quieto balanço  
Qual nauta scismando n'um lago bem manso  
N'um leve batel!

Dormia e sonhava — no rosto sereno  
Qual um seraphim:  
Os cilijs pendidos nos olhos tão bellos,  
E a briza brincando nos soltos cabellos,  
De finô setim!

Dormia e sonhava — entregue formosa  
Ao doce sonhar,  
E doce e sereno n'um magico aneio

Junho de 1858.

Debaixo das roupas batia-lhe o scio  
No seu palpitár!

Dormia e sonhava — a boca entr'aberta  
O labio a sorrir;  
No peito cruzados os braços dormentes,  
Compridos e lisos quaes brancas serpentes  
No colo a dormir!

Dormia e sonhava! — De manso cheguei-me  
Sem leve rumor,  
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,  
Qual sopro da briza, baixinho ao ouvido  
Fallei-lhe de amor!

Ao halito ardente o peito palpita...  
Mas sem despertar;  
E como nas ancias d'um sonho que é lindo,  
A virgem na rêde—córando e sorrindo  
Beijou-me — a sonhar!

CASIMIRO DE ABREU.

**A virgem da harmonia.**

Donzella... não cantes... que assim a cantares  
Com tanto dulçor,  
Bem podes ao harão que vive tranquillo  
Matares d'amor!

Teu canto tão puro, tem tanta magih,  
Tem tanto poder;  
Que as aves ouvindo-o, confusas nos calão  
Seus ledos gorgeios, que tanto nos fallão  
De amor e prazer!

Se acaso, querida, no fundo dos mares  
Podesses cantar,  
Lá mesmo essas turbas sedentas de ouvir-te  
Te irão buscar;

Que as notas sentidas que soltas do peito  
Sósinha a scismar,  
Têm mais melodia que a franta queixosa,  
Que o hymno das aves, que fonte saudosa  
No seu murmurar.

E eu sei que a rainha da santa harmonia  
Que passa a scismar,  
Dá vida a quem morre, dá morte a quem vive  
C'o a voz de encantar!

C'o a voz tão sentida, tão terna, tão meiga,  
De tanta expressão;  
Que, ás vezes ligeira — deleita-me esta alma,  
As vezes mais branda-me falla com calma,  
Com doce emoção!

A briza que brinca nos ares batida  
Por ventos do sul,  
Não é tão travessa, — nem tem mais primores  
Um céu todo azul!

E as vozes dos anjos que vivem risinhos  
Nos céos a correr,  
Não têm a meiguice, não têm a ternura  
Da voz do teu peito que infiltra doçura  
No triste a morrer!

Mais doce e suave, mais branda e tranquilla,  
Que a luz do luar,  
Seduz, como o canto das trevas sereias  
Que vivem no mar!

Mais bella e divina, mais triste e risinha,  
Que noite gentil:  
Eu gosto de ouvir-a quer trate d'amores,

Março de 1859.

Quer d'agras saudades causando-te dores  
Ao seio infantil.

Pois sinto no peito mais grata ventura,  
Melhor sensação,  
Na vida descubro formoso horizonte,  
No mundo — attracção!

Mas pobre do náuta que a voz te escutasse  
Nos plainos do mar!  
Em breve sem rumo seria perdido...  
Talvez sobre abrolhos seu barco atrahido  
Deixasse encalhar!

Não ouças... se a ouvires... de certo arrependes.  
De ouvir-lhe a canção!  
E' íman tão forte que mata... não ouças  
Se teus coração!

Travessa, engraçada qual briza batida  
Por ventos do sul,  
Eu sei que se a ouvires tua alma adormece  
N'um ether sonoro, dos mimos se esquece  
De um céu todo azul!

Donzella... não cantes... que assim a cantares  
Com tanto dulçor,  
Bem podes ao bardo que vive tranquillo  
Matares d'amor!

SILVIO P. DE MAGALHÃES.

### Suicidio de Cutão.

#### I.

E' um momento solemne aquelle em que o homem se resolve a deixar o mundo dos vivos para ir procurar repouso na solidão dos tumulos. Bem fundos devem ter-se-lhe gravado na alma os vestigios do soffrimento para que um pensamento de morte lá vá pousar; é preciso que a esperança, esboroando-se mais de uma vez com os desenganos, tenha-se de todo submergido nos abyssos da existencia. Entretanto grande numero de infelizes tem procurado um abrigo na morte voluntaria contra a deshonra e a miseria.

A humanidade, sempre egoista, sempre inconsequente em suas exigencias, difficilmente perdôa aquelles que assim fogem á occasião de offerecer-lhe mais uma scena de opprobrio e mais um quadro de infla-

mia. D'aqui a condemnação do suicidio. E' justa?

Eu vejo que na apreciação deste problema minha situação é critica o orlada de tropeços. De um lado é minha convicção intima e profunda, que o suicidio é um acto legitimo o moral; do outro, ahí está a sociedade, ahí está a religião, bradando esta que elle é eriminoso perante Deos, aquella perante os homens. A dificuldade, pois, está nisto: como, sem cahir no odioso para os exaltados, sem incorrer no desagrado da igreja, advogar uma causa, que, comquanto ache guardada no bom senso e na razão, tem contra si algumas apparencias de interesse social, a superstição, a fraqueza, e muitas vezes a ignorancia? Não importa. Se a liberdade de pensar não trouxesse como consequencia a diver-

gencia de opiniões em maior ou menor escala ficaria áquem do instinto animal, e seria o dom mais funesto na natureza, se a manifestação de seu effeito importasse um crime. Bem sei que me estão reservados os epithetos de ignorante e atheu. A linguagem da intolerancia é *ipso facto* virulenta e insultante.

Não são os philosophos interessados que me servirão de guia; não é aos theologos que irei pedir interpretação sobre o espirito duvidoso das Escripturas. Não. E' da philosophia das cousas que eu saberei se Catão, por amor da vida, devia renegar os principios, que fizerão d'elle esse grande vulto, isolado na historia das gerações humanas.

E' a razão, e sómente a ella que eu consultarei se o homem pôde licitamente dispôr de si. A sociedade com quem elle tem contrahido certa dependencia, não pôde exigir mais seus serviços desde que se acha fóra do estado de prestal-os, desde que elle dispensa suas conveniencias, em troco das quaes só podia offerecer-lhe prejuizos. Reciprocamente, o homem não pôde implorar a protecção da sociedade, quando esta por seu turno, em alguma época de emergencia, oscilla sobre seus eixos, ameaçando ruina e dissolução. Isto posto, o homem e a sociedade são duas entidades dependentes uma da outra, emquanto se podem mutuamente auxiliar: cessa a dependencia desde que uma moralmente impossibilita-se a servir a outra.

A felicidade é o alvo a que tendem os nossos esforços e todas as nossas cogitações; é por ella que sempre esperamos. Quando, porém, vemos abysmar-se uma a uma as esperanças, que nos abrilhantão a existencia e, em lugar dellas só ficamos com as decepções, porque trabalhar mais? como esperar ainda? Nestas circumstancias nem um laço prende o ho-

mem á vida, a não ser o de familia. A razão associada á consciencia já-mais pôde enganar.

Aquelle que tenta o assassinato, o roubo, em geral a infração das leis sociaes, sabe que vai perpetrar um crime; o homem que medita o suicidio, a menos que não deixe por sua morte uma familia ao desamparo, tem a consciencia tranquilla e razão calma: quando elle as consulta sobre o passo que vai dar, a primeira diz-lhe que não é crime, a segunda confirma.

E' uma verdade que não pôde ser combatida seriamente, que foi sentida por grande numero de philosophos antigos, e alguns dos mais sabios d'entre elles chegarão mesmo a prégar o dogma do suicidio. O adversario de mais nomeada, que elle teve, foi Platão que no Phædon faz dizer a Socrates:—o sabio não se deve matar.— Mas, além de ser esta prohibição mui restrictiva, Platão escrevia sempre para o homem ideal, que lhe passára pelo sonho dourado da republica, e não para o homem da vida positiva.

A Biblia não contém uma só palavra contra o suicidio. O 6º artigo do decalogo diz:—não matareis. Se este preceito não se limita a prohibir o assassinato, como conciliar a Biblia comsigo mesma, que em outra parte manda punir de morte (1) o homicida, como harmonisal-a com a sociedade que pune do mesmo modo grande numero de criminosos? Moysés mesmo, tomando-o naquella accepção, fez juncar o chão sobre que se elevava o altar do bezerro de ouro de vinte e tres mil victimas. Muitos dos martyres forão apresentar-se voluntariamente aos carrascos dos imperadores romanos na esperança de uma morte certa. Suicidarão-se (2)

(1) Exodo, cap. 22.

(2) Suicidio é a morte voluntaria. Quer o homem se prive da vida pelas proprias mãos, quer se mande matar, quer vendo approximar-se a morte, longe de evital-a, vai-se-lhe offerecer, sera

Entretanto a pagina mais bella do christianismo é aquella em que o delicado buril de Chateaubriand pôz em relevo a abnegação daquelles suicidas, que sacrificarão a vida á convicção de suas crenças. Verdade é que a isto costumão responder, que o acto dos martyres não foi voluntario: foi um acto necessario de que Deus quiz servir-se para propagar sua doutrina. Que idéa ridicula se faz da divindade!

Com effeito, os que assim objectão ou não são de boa fé, ou não comprehendem o alcance da objecção.

Para que um acto se faça merecedor de elogio ou censura é preciso que parta da vontade do individuo que o pratica. O acto voluntario podia ser ou não ser: o necessario rigorosamente tinha de ser. Assim, se o acto dos martyres não foi voluntario, se elles erão apenas machinas animadas que uma força occulta punha em movimento, e conduzia ao matadouro, não tem o menor jus á nossa admiração: o homem mais vil e pusillanime faria outro tanto. Nero e outros que aos actos da mais execranda tyrannia juntarão a perseguição dos primeiros christãos, muito devem perder dessa odiosidade que serve de aureola a seus nomes, porque Deus ordenando victimas, precisava de algozes. Eis como a má fé, ou a ignorancia desdoura as grandes acções dos verdadeiros crentes, como avilta a divindade pelo espirito de negar uma verdade incontestavel! Uma outra objecção contra o suicidio, é que a vida é um deposito que nos foi confiado, e do qual não podemos dispôr; isto é tão absurdo e monstruoso, que não merece refutação. Emfim para que mais argumentos? S. Matheus vem em nosso auxilio autorizando directamente a morte voluntaria. « Se

sempre suicidio. Neste ultimo caso estão os martyres.

« evangelista, arranca-o; é melhor do « que por amor delle perder tua alma. » (1)

A linguagem parabolica do oriente em que são escriptos os evangelhos compromette a clareza do pensamento do apostolo, mas nós interpretamos assim: « se tendes alguma cousa contraria á moral religiosa, apressa-te em deixa-la; não lhe sacrifiques a salvação de tua alma. » Assim pois S. Matheus aconsella o suicidio áquelle que depois de haver trilhado a senda da virtude, pagando um tributo á fragilidade humana, colloca-se em uma situação tal, que lhe não é possivel dar um passo sem commetter um crime, porque continuando a viver arriscava a salvação d'alma. Ora, se a sociedade não perde, se a religião autorisa, como se diz que o suicidio é illegitimo e immoral? Um homem honrado, de grande reputação, por um capricho da fortuna, por uma circumstancia qualquer acha-se em um estado tal que só a morte ou o milagre podião salv-o da deshonra e da miseria. O milagre é impossivel, na immutabilidade nada se altera. Porque não abrigar-se no seio da morte? Para que serviria ao mundo mais um infame, ou um miseravel? reciprocamente o que faria o mundo a esse homem senão cuspir-lhe na face quando o houvesse deshonrado, rir-se d'escarneo quando o visse miseravel, fitar-lho olhares de desprezo, quando esmolasse sua caridade? Que importa que depois de morto os homens insultem seu cadaver, praguejem seu nome, se isto é nada relativamente ao que lhe destinavão na vida?

## II

Só as almas fortes podem encarar a morte de perto: é preciso uma coragem acima do vulgar para a sangue frio, n'um momento, resolver-se a

(1) Evang. de S. Math.

deixar de querer, de sentir, e de pensar. A historia offerece testemunhos irrefragaveis do que avançamos: abra-mo-la, pois, tomemos uma pagina ao acaso, leiamos o nome do primeiro suicida que n'ella encontrarmos. Annibal. Oh! este famoso general só tem tido dous rivaes e ainda não teve superior, sua memoria é tão assombrosa por inclitos feitos d'arma, que parece ridiculo fazer um commentario á sua coragem. Homens fatuos e cobardes, julgai da vossa pequenez pela grandeza do heróe dos Alpes. Passemos adiante, procuremos outro nome. Caio Graccho! sublime filho de Cornelia, tua grande alma cortada pelos males do povo, pela avareza e tyrannia dos potentados, era tão sobranceira a este vil sentimento de cobardia, quanto teus pensamentos erão elevados, tuas ideias justas, e puras tuas intenções; aos teus detractores tem a posteridade feito a merecida justiça. Vejamos outros. Bruto! Cassio! que ideias grandiosas não acordão n'alma estes dous nomes au-

gustos! E Sentea, Arria, Peto, Porcia, Lucano, e tantos outros! Eis, além de muitos, os caracteres venerandos que nos apresenta a historia dos suicidas. A cobardia está, dizem em não esperar. Esperar? de quem? dos homens? E' uma ironia: de Deus? a desgraça esmaga a fé a mais robusta. Chegai a dous homens que meditem o suicidio, um fraco e outro forte, e dizeilhes: loucos, que ides fazer! Vêdes este mundo tão bello, esta luz derramando-se em torrentes pela atmosphera; vêde estas nuvens que vagão pela cupula azulada dos céos, essa creação com suas harmonias; todas estas bellezas não te prendem á vida? trocás tudo isto pelo frio inanimado do cadaver, e pela companhia dos vermes da tumba? Deixas a realidade pelo nada? E esta scena apparatusa que sóe acompanhar o finado a seu leito não te inspira um terror secreto? O fraco voltará a viver na infamia como o bicho na podridão, o forte consummará seu plano.

(Continua.)

J. OLIVEIRA CATUNDA.

### Chronica do mez.

**SUMARIO.**—O carnaval.—O homem põe e Deus dispõe.—Inutilidade do desmoronamento do Castello.—O Telles e a policia.—Uma lagrima sobre o Hippodromo.—Programma de um ministerio popular.—Theatros.—Protestantismo.—Theatro lyrico.—M<sup>me</sup> de Lagrange.—M<sup>me</sup> Stoltz.—Uma diplomata habil.—Exquisitezes dos Genios.—Exposição.—Paraiso perdido.—Carris de ferro da Tijuca.—Um titulo ao Sr. Dr. Cochrane.

E' costume velho dos chronistas queixarem-se da aridez do periodo decorrido entre a ultima chronica e a que estão escrevendo. Não podémos nós infelizmente apegar-nos com este *refugium peccatorum* para escusar a insufficiencia de nossa penna: tanta é a abundancia dos factos importantes, cuja narração pertence aos nossos illustres collegas chronistas, a quem saudamos e procuraremos imitar, visto que não nos é dado hombraear com elles.

O primeiro acontecimento de mez, o facto mais estrepitoso é incontestavel-

mente o Carnaval. Esperado com a maior soffreguidão, e com os aprestos da mais brilhante recepção, ali aportou ás plagas sempre florentes do Rio de Janeiro o velho filho de Veneza, já decrepito, mas sempre jovial, e rodeado dos prazeres e phantasias.

Porém, oh! cruel decepção! Nunca o terrivel *o homem põe e Deus dispõe* se verificou de modo tão tyrannico. As sociedades já tinham chamado ás armas pelos jornaes todos os seus membros; o Juca do armario já tinha formado alliança offensiva e de-

fensiva com o Frederico dos Reis, e inundavão a cidade com os endereços do seu esplendido toilette: os cabelleiros não sabião mais onde buscar cabelleiras para alugar; os alugadores de roupa de phantasia surdião a cada canto: os alugadores de carros e cavalloos computavão já o termo medio do lucro que ião ter, dobrando a taxa dos alugueis; por outro lado, os moradores das ruas das Violas, S. Pedro, Quitanda, Ciganos, etc., etc., ornavão as frentes de suas casas com arcos triumphaes, bandeiras de todas as nações, e soberbos coretos, para obsequiarem as sociedades carnavalescas: por outro lado ainda, nunca os *montes de soccorro*, que se multiplicão por toda a cidade, tiverão tão boa occasião de pôr por obra suas vistas *philantropicas*; a este respeito ouvimos uma vez dizer um amigo, que com Castellos não taparião tanto o folego ao Rio de Janeiro, como um só destes morrozinhos: enfim, os theatros havião chamado os mestres d'obra para examinarem se o soalho improvisado sustentava tres mil pessoas, com o proposito firme de admittir cinco ou seis mil se fosse possível.

O resto sabeis: a mais impia das chuvas veio apagar toda a effervescencia.

Tambem não lhe quizera eu estar na pelle, se tivessem effeito pragas e maldições: não repito textualmente o proverbio para não ser victima de algum calembourg. Enfim o carnaval de 59, que incontestavelmente ia metter tres braças abaixo do chão os seus irmãos passados, foi o mais insipido que tem havido. Não ha duvida, o melhor calmante para ebulições populares, seja festa, seja revolução, é a chuva.

Houve comtudo muitos intrepidos e intrepidias, que entestarão com a chuva e as constipações concorrendo aos theatros onde houve frequencia domingo, e terça-feira principalmente.

Os bailes do Club forão esplendidos, mas os sons da magnifica banda de musica não podião espancar as nevoas de spleen, que a chuva introduzia pelas frestas das janellas, e pairavão nas frentes de todos: queremos dizer, forão sumptuosos bailes de phantasia, mas faltava-lhe um não sei que de carnavalesco.

E' assim foi o carnaval.

Agora este anno, a menos que não appareça alguma balèa, só nos resta o dia sete, por que pelo Espirito Santo não ha nada: já lá se foi pela agua abaixo o Telles com suas barracas. A nossa policia *previdente* é inimiga de tudo o que é regozijo publico. E a razão é evidente; é por que a policia não sabe policiar: senão veja-se o que aconteceu no Hippodromo. Que quer dizer um pedestre disfarçado em paizano dar a voz de preso e agarrar n'um individuo, que fazia uma cousa, que mais de duzentos estavão fazendo? Era provocar resistencia, e logo em seguida a desordem que reinou em todo o Circo, e ia tendo serias consequencias. Não era melhor tomar providencias verdadeiras, verificando se os *touristas* erão capazes de satisfazer o publico, e publicar o resultado desse inquerito? O publico se convencia e o Hippodromo continuava incolume como até aquelle dia, sem soffrer a menor avaria. Dizemos isto, porque somos entusiastas de tudo o que é divertimento publico.

Sabe-se quanto *panem et circenses* preoccupava a attenção dos antigos. Porém entre nós tomarão elles acabar com o dia sete, do que duvidamos um pouco.

Os theatros continuarão na mesma agitação em que se achavão no fim do mez passado.

Além do celebre *Vinte nove*, que foi elevado por um capricho e uma circumstancia á categoria das composições que merecem verdadeiros applau-

sos do publico, a questão tem versado sobre o merecimento das *Oratorias* que tem ido á scena nos theatros de S. Francisco e S. Pedro.

Esta especie de drama não está em voga senão em Portugal.

Consiste em apresentar em scena os homens, que os antepassados venerarão pelos seus exemplos de virtude e propostos para modelos forão incluídos no catalogo dos benemeritos do Christianismo, com a denominação de Santos. E como apparecem em scena? Fazendo peloticas, debaixo das apupadas dos espectadores, porque taes peloticas não tem o merito da destreza, que vemos nos Hermans e nos Julios.

O pensamento da Igreja, canonizando os que honrãõ a virtude, é muito sublime, muito superior aos mythos vulgares, que infelizmente vogão a respeito de alguns santos, com lamentavel acquiescencia dos que devião extirpar taes babuseiras.

Mas este meio de dissipar visões é inconveniente, porque pondo-se em relevo o que é mytho, ridicularisa-se juntamente o santo, e lá se vai por terra o dogma catholico da communicação dos santos: e ahí estamos nós todos protestantes.

Porém aonde vais, minha penna, deixa-te de sermões, e vai contando a historia do mez.

As regiões lyricas estão algum tanto enubladas. Labora o barracão do Campo de Santa Anna em tantas complicações, que realmente não ha tempo para cuidar do que é essencial, isto é, da parte artistica.

M<sup>me</sup> de Lagrange regressou do Sul. O mavioso cysne foi refugiar-se nas margens amenas do Prata, da ardencia do nosso sol de janeiro e fevereiro, e volta cróada de novos louros, par nos enlevar com a poezia do seu canto, e seu talento artistico.

Porém M<sup>me</sup> de Lagrange na actual companhia, faz o effeito do brilhante,

que fulgurava no peito do Ferrabraz. Temos com tudo esperanças na intelligencia e energia do rei daquelles dominios: se elle quizer, bellas leitoras, ouvireis uma harpa suspirar na orchestra, ouvireis trinar mais meia duzia de violinos, os coros mais reforçados: remontareis emfim ás regiões mais sublimes da poesia sentimental ouvindo o *Trovador*, *Traviata*, os *Martyres* e *Rigoletto* por M<sup>me</sup> de Lagrange e Miratti, ou Mario, e outros artistas dignos della.

Acha-se tambem na cõrte M<sup>me</sup> Stoltz.

Ao dizer de alguns a exímia artista que tem seu nome gravado em todos os corações fluminenses que a ouvirão, conserva ainda a suavidade da voz: era o que desejamos saber: porque a voz é um dom que se perde como tudo o que é dote physico, sem exceptuar mesma a belleza!

Quanto ao fogo do genio, esse nunca se apaga, porque é attributo da alma, que é immortal. Portanto M<sup>me</sup> Stoltz é hoje ainda a grande artista de 52. Mas não tenhais susto, vós, que ainda a não ouvistes; receio que ainda não seja desta vez. A celebre tragica é tambem habilissima diplomata, e não é certamente capricho e boa dóse de despotismo o que lhe falta.

Que se ha de fazer? Todo genio tem suas exquisilices, que nós outros profanos apellidamos *maluquices*.

Assim, é muito de receiar que M<sup>me</sup> Stoltz, embora saiba a avidéz e a emoção, com que o publico deseja ouvi-la, bata a linda plumagem, e o todos deixe de boca aberta, tanto os que nunca a ouvirão, como os que querião cotejar a Stoltz de 59 com a Stoltz de 52. Era na verdade um capricho tão nonstruoso que esperamos que a inelyta cantora não no ha de realisar, a menos que tenha razões ponderosas. Veremos, diria um cego.

Do barracão á Pinacotheca é facil a transição. Assim como o primeiro é um *elegante* viveiro de roxinhões, tam-

bem a segunda é um *primor* de architectura dignode encerrar as bellas creações do genio.

Muito indifferente sois se não fostes revistar esses bellos productos dos nossos talentosos patricios. Em pintura, em esculptura, em gravura, em todos os generos notão-se obras primorosas.

No dia 15 um numeroso concurso, honrado com a presença de SS. MM. assistia á abertura da Exposição. Magnificas peças de musica compostas pelos alumnos do Conservatorio forão executadas por elles mesmos. Mas ninguem podia prestar attenção a nada, por causa do horrivel calor que abraçava tudo.

Foi magnifica a lembrança de reunir, em um dos dias mais ardentes do mez de março, mais de 500 pessoas em uma sala onde é impossivel que o ar penetre. SS. MM. retirárão-se antes do fim da festa.

Entre as obras do Phidias brasileiros, notava-se a bella estatua do Patriarcha da Independencia, obra do buril do talentoso artista o Sr. Chaves Pinheiro. Dizem os entendidos que nada ha que desejar na perfeição do trabalho; e os que conhecêrão o immortal José Bonifacio affirmão que a estatua é muito parecida. Os amantes de paysagens tinhão muito onde saciar seu gosto nos lindos quadros do Sr. Motta, muitos dos quaes são verdadeiros primores.

Não seria possivel incluir no estreito ambito da nossa chronica a enumeração de todos os productos d'arte que forão expostos. Penna competente prometteu ao publico a descripção delles.

Na tarde do dia 25 o rebater dos sinos e o rodar das bombas annunciavão um grande incendio. Onde pensais que era o fogo? Não era nada menos que o *Paraiso* que lá ia pelos ares. O incendio foi inexoravel: o theatrinho e seus pertences forão com-

pletamente devorados. Isto vai máo! dizia um sujeito; se o fogo já anda pelo *Paraiso*, que será da nossa terra?

E é verdade; se no *Paraiso* havia elementos de combustão, não os haverá *na terra*? Porém o que nos vale é que, se o Sr. Godinho, segundo o *Courrier du Brésil*, já é rival de Milton, pois que tem seu *Paraiso perdido*, nós cá ainda não somos rivaes... de quem?... dos Italianos.

Se quizessemos fallar, leitores, das oscillações ministeriacas, do arçodamento que houve nas eleições da Estrada de Ferro, como se aquillo fosse uma questão incandescente, e não uma questão que exige a maior calma e reflexão, e nada de paixões politicas; se fossemos a fallar de tudo, esta chronica, em vez de massada passageira, tornar-se-hia *chronica*.

Ponhamos-lhe pois seu termo coñr a ultima noticia. Inaugurou-se a Estrada de Ferro da Tijuca.

Houve festa esplendida, a que S. M. I. assistio como amante que é de todo progresso verdadeiro. D'aqui a pouco, não será preciso que as delicadas Fluminenses soffrão os incommodos de affanosa viagem, para aspirarem a briza embalsamada que reina na Tijuca; e vós, poetas, para escutar o rugido das cascatas, para embrenharvos por essas sombrias espessuras que decantais muitas vezes sem tél-as visto, e lá do pincaro da serrania medir com os olhos do corpo esse immenso horizonte que tendes o poder de devassar com os olhos da alma, não tereis necessidade de confiar o *fragil involucro* de vossa alma ás finas gambias de um *ginete* de cocheira, ou mesmo, oh! cruel realidade, ás vossas proprias gambias. E sabeis a quem deveis tudo isto?

E' ao Sr. Dr. Cochrane. E se S. S. pozesse um trem ás duas horas, já não seria só benemerito da Rio de Janeiro, porém asseveramos que muito gente, entre os quaes se some este humilde chronista, se achão dispostos a dar-lhe o titulo de benemerito da patria.

J. B.